

FICHA TÉCNICA

Título original: *When Friendship Followed Me Home*

Autor: *Paul Griffin*

Copyright © 2016 by Paul Griffin

Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução do todo ou parte sob qualquer forma ou meio.

Edição portuguesa publicada por acordo com Dial Books for Young Readers, uma chancela de Penguin Young Readers Group, uma divisão de Penguin Random House LLC.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Carlos Grifo Babo*

Revisão: *Isabel Pereira / Editorial Presença*

Letra manuscrita e ilustração © 2016 by Mary Kate McDevitt

Design da capa: *Danielle Calotta*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, julho, 2017

Depósito legal n.º 422 392/17

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CHUNKY MOLD

É preciso ser maluco para confiar num mágico. Aprendi essa lição da pior maneira. E depois, quem havia de dizer, acabei por vir a ser assistente de um mágico. Esta parte já foi culpa da Rapariga do Arco-íris, mas do resto deito as culpas a um cãozito chamado *Flip*.

Os problemas começaram na segunda sexta-feira do 7.º ano. O Damon Rayburn empurrou-me para fora da fila para o almoço.

— Obrigado, Coffin¹ — disse-me ele.

— Pelo quê? — perguntei.

— Por te ofereceres para me comprar uma fatia.

Se acham que uma ameaçazita daquelas era capaz de me levar a entregar o meu dinheiro da piza a um idiota como o Damon Rayburn, conhecem-me muito bem. Deu-me uma palmada na nuca e passou para o primeiro lugar da fila.

— Tu, Coffin, és um palmo mais alto que ele — disse-me um puto que era um palmo mais baixo que o Rayburn. O nome dele era Chucky Mull, mas toda a malta lhe chamava Chunky Mold no sentido de Molde Atarracado. — Devias ter-lhe dado uma panada. Agora já sabe que pode fazer de ti o que quiser.

¹ *Coffin* em inglês significa caixão. (NT)

— Permite-me que cite Yoda, n' *O Império Contra-Ataca* — respondi. — «Um Jedi usa a Força para conhecimento e defesa. Nunca para ataque.»

— Tu estavas a ser chamado a defender o teu inalienável direito a comer piza de almôndegas — ripostou o Mold. — Yoda também diz para não seres um choninhas.

— Yoda nunca usa a palavra *choninhas*.

— Ele diz «O medo é o caminho para o lado negro.» Lembras-te, ó meu, n' *A Ameaça Fantasma*?

Não se podia discutir com o Mold acerca daquilo. Ele tinha as *T-shirts* da *Guerra das Estrelas...* e os lençóis também. Empurrei-o para o nosso sítio num canto escuro muito, muito distante, onde têm o contentor do lixo que nunca ninguém despejava. A mãe do Mold tinha colado um bilhete no papel-manteiga que mal cobria a sua sanduíche de quinze centímetros. Dizia ADORO-TE ☺. Ele deitou fora o bilhete e enfiou um bocado de pão na boca.

— Há alguma possibilidade de queres dividir isso comigo? — perguntei-lhe. — Vá lá, Mold, tu nunca vais conseguir acabar isso tudo.

— Quanto é que apostas? — replicou o Chucky. — Maldição, ali vem ela.

A Sra. Pinto vinha a caminhar na nossa direção. Era realmente bonita para uma diretora ou até para um ser humano normal.

— Olá, rapazes — disse-nos.

— Tudo bem, como está? — perguntou o Mold.

— Se precisarem de alguma coisa, passem pelo meu gabinete, está bem?

— Igualmente — replicou o Mold.

Ao ir-se embora, a Sra. Pinto deu-me uma palmadinha no ombro.

— Ela tocou-te mesmo — disse o Chucky. — Tu, um falhado, foste tocado no teu fãlhado ombro pela Sra. P. Eu mandei-lhe a piscadela, sei lá, há quatro horas. E nada. Porque é que estás a olhar para mim dessa maneira? Puto, estás a ver os emojis, o *smiley*? És algum visitante da Idade da Pedra?

— Eu sei o que é a piscadela. Só não consigo acreditar que lhe mandaste uma.

— Que é que tem?

— Ela é velha. Mold, ela tem para aí *trinta*.

— Não é o que estás a pensar. No Facebook, a piscadela é um sinal de supremo respeito. É como quando alguém nos inspira e a gente lhe pisca o olho. É verdade. É um antigo costume que já vem dos tempos clássicos, dos Gregos e dos Romanos. É como se lhe estivéssemos a fazer uma vénia para reconhecer como é extraordinária.

— Mas, então, porque não lhe mandaste simplesmente uma vénia?

— Porque não há um emoji para isso, ó debiloide. Lá porque ela tem um traseiro absolutamente fenomenal, não quer dizer que não possa também ser a minha heroína, percebes, pela sua incrível sabedoria e tudo isso.

— E foi por *isso* que lhe piscaste o olho, pela *sabedoria*.

— Mas o que é que tu sabes? Nem sequer estás no Facebook. Isto é verdade, juro. Em muitas culturas é considerado má-criação *não* mandar a piscadela. — Enxotou uma mosca do sítio onde a manteiga de amendoim lhe escorregava pelo lábio como um macaco viscoso.

Tive de acreditar, primeiro porque a gente percebe quando alguém está a mentir, e a verdade é que ele não pensava que estivesse, e, sobretudo, porque ele tinha razão acerca de eu não estar no Facebook. Aquela história de todos *amigos*? Não estava realmente a acontecer. Mesmo o Mold

era mais um chato do que um aliado. Eu tinha vindo para aquela zona há menos de dois anos. Dentro de um ano, eu e a minha mãe íamos para a Florida, assim que ela se reformasse. Podíamos lá viver muito bem e barato, dizia ela. E eu achei que não valia a pena fazer amigos, já que me ia embora tão depressa.

— Chucky, nem uma dentadinha? A sério? — tentei ainda.

— Vai sonhando — respondeu, ou qualquer coisa parecida. Não fiquei bem certo, porque ele tinha a sanduíche agarrada ao aparelho dos dentes.

HERDEIROS DO IMPÉRIO

O meu estômago já roncava na altura em que o último toque de campainha soou e nos libertou para o fim de semana. Meti pelo passadiço em direção à biblioteca. A Sra. Lorentz tinha sempre um prato de bolachas com pepitas de chocolate *Chips Ahoy!* no balcão da receção.

Sentia-me bastante em forma para alguém a quem tinham roubado o dinheiro da piza. Não se pode estar triste em Coney Island num dia de sol, em setembro. O mar brilhava. O ar tinha um cheiro salgado e doce. O meu audiolivro estava quase a atingir o seu ponto alto. É claro que eu não podia ser apanhado a andar por aí com um *livro* livro. Era como pedir sarilhos. Pus mais alto o som dos meus auscultadores e dos *Herdeiros do Império*, do Timothy Zahn. As coisas não estavam a correr bem para o Han Solo. Caças do Thrawn precipitavam-se sobre a nave espacial *Millenium Falcon*. O som foi cortado quando alguém veio por trás de mim e me arrancou os auscultadores da cabeça.

— Quem é que compra auscultadores amarelos? — disse aquela rapariga, a Angelina Caramello. Era mesmo muito bonita, apesar de ser amiga do Damon Rayburn. — Parece que tens limões a crescerem-te das orelhas.

— Além disso, falhaste uma presilha ao pôr o cinto — disse a melhor amiga da Angelina, a Ronda Glomski. E deu um puxão na presilha que eu tinha falhado. — A sério que

não percebo como é que passaste de ano. Como é que consegues ser tão inútil e ao mesmo tempo tão completamente queriducho.

— Nojo! — disse a Angelina. E atirou-me os auscultadores. Depois a Ronda empurrou-me com tanta força que a pastilha me saltou da boca.

Eu tinha de pensar naquilo. A Ronda Glomski, que era a décima primeira das mais bonitas na nossa classificação, disse que eu, Ben Coffin, não era completamente nojento. Apesar de me ter praticamente atirado ao chão logo depois de o ter dito e de ter um nome com um som um bocado desagradável. Pois, e quem sou eu para falar, quando o meu nome lembra às pessoas o sítio de onde fugiu um zombie.

Com a minha visão lateral, dei pelo Damon Rayburn a aproximar-se, o que queria dizer que eu tinha de desandar, e depressa.

Estava com uma leve pieira quando cheguei à biblioteca. Não era uma corrida assim tão grande, mas a minha asma estava a atacar e eu tinha-me esquecido do inalador. Felizmente era a Sra. Lorentz que o tinha.

— Deixaste-o outra vez no parapeito da janela — informou ela. Depois empurrou um livro na minha direção. — Preciso que me leias isto. A minha filha não se cansa de falar nele. Mas quero uma segunda opinião antes de o pôr no lugar de cima da minha pilha.

Era *Feathers*², de Jacqueline Woodson.

— Isto não me parece ficção científica — comentei.

— Não te vai fazer arder por combustão espontânea — replicou a Sra. Lorentz. — Ben, tu vais gostar, confia em mim.

— Depois de a senhora dizer que ainda não o leu?

² *Feathers* em inglês significa penas. (NT)

— Porque é que estás para aí a falar comigo, quando devias estar a ler?

— Foi escrito por uma rapariga — lembrei-lhe.

— E então?

— Então... eu sou um gajo.

— Leva daí umas bolachas, ó *gajo*. E sim, podes abrir uma nesga da porta da saída de emergência.

Ela deixava-me fazer isso nos meus dias de asma. A brisa era muito agradável. Nessa altura eu ainda não sabia, mas a Angelina e a Ronda terem-me feito parar, o que me levou a ser perseguido pelo Rayburn, o que me assanhou a asma, o que me levou a abrir uma nesga da porta para o beco, estava prestes a virar a minha vida de pernas para o ar.

Mantive a porta aberta com um volume das velhas e negras enciclopédias que a Sra. Lorenz estava constantemente a tentar impingir a toda a gente, volume 10, de Gargantuesco a Halitose, e sentei-me à minha mesa, escondida na parte de trás. Nas paredes, havia todas aquelas imagens gigantes serigrafadas, fotografias dos velhos tempos, quando Coney Island era a praia mais famosa da América. A minha favorita chamava-se *País dos Sonhos à Noite*. Era como o Luna Park, um parque de diversões mesmo em cima do oceano, se parecia em 1905. A torre brilhava como um sol mais suave. Pensem em mel iluminado com o tipo de electricidade que há dentro do espírito de um anjo quando ele está a desejar só as mais belas coisas para nós.

Engoli uma esguichadela do inalador e olhei para *Feathers*. Na capa tinha a imagem, calculem lá, de uma pena. Nem naves espaciais, nem Estrela da Morte a explodir, nem sequer uma mísera espada de *laser*. A história é assim. Há um puto novo na escola. Alguns chamam-lhe Rapaz Jesus, outros acham que ele é um anormal e tratam-no mal como tudo. Senti-me próximo dele. Não estou a falar da

maneira como o tratavam, mas sim de como sempre me senti um estranho, às vezes até comigo mesmo. Simplesmente não sabia onde me integrava, nem o que devia fazer ou ser na vida, como se eu fosse talvez um erro.

Bem depressa cheguei à última página do livro. A história era daquelas que acabam depressa de mais e nos deixam preocupados a pensar no que é que irá acontecer aos personagens, quase como se fossem nossos amigos, mas não dos chatos. A Frannie, a narradora, quer ser escritora. A professora diz-lhe que cada dia traz os seus momentos especiais e que a Frannie devia estar atenta a eles e anotá-los para mais tarde. Com essa parte eu estava de acordo. Tenho a certeza de que o Timothy Zahn fez esse género de coisa quando andava a escrever *Herdeiros do Império*. Mas tive de parar quando li o que a professora da Frannie disse a seguir, acerca desses chamados momentos especiais. «Alguns podem ser perfeitos, cheios de luz e esperança e alegria. Momentos que ficam connosco para todo o sempre.»

Isto era mentira. Não há nada que dure para sempre. É um facto científico. As coisas acontecem e passam e não as podemos voltar a ter.

O Einstein disse que podemos viajar para o futuro e os astronautas provaram-no. Sincronizaram vinte relógios e levaram dez para o espaço. Passaram seis meses lá em cima, às voltas, a mais de vinte e sete mil quilómetros à hora, mais de oito quilómetros por *segundo*. Quando aterraram, *todos* os relógios no Controlo da Missão estavam 0,007 segundos adiantados em relação a *todos* os que tinham ido para o espaço. Estão a ver o que aconteceu? Eles viajaram uma fração de segundo para o futuro. Se não acreditam, procurem. Isto significa que se viajarmos realmente depressa, por exemplo à velocidade da luz, quando voltarmos a aterrar na Terra os relógios estarão *anos e anos* adiantados e teremos fugido

para longe no futuro. Mas o problema é que o Einstein usou a mesma matemática para provar que nunca podemos voltar ao passado.

Olhei para a imagem do Luna Park em 1905. Eu nunca viria a estar lá. Nunca sentiria a segurança de todas aquelas luzes douradas e prateadas na minha cara. Nunca veria o mundo do cimo daquela torre. Nunca acreditaria que a magia é real.

Um gato bufou fora da porta da saída de emergência. Foi atrás de alguma coisa pelo beco fora. Depois ouvi aquele som sinistro que um gato faz quando está zangado, como se estivesse possuído por um demónio.